

O impacto da Pandemia Covid-19 na Saúde Mental dos indivíduos e a atuação da Enfermagem na Humanização dos casos

João Vitor de Almeida^a, Paola Oliva Tomazella Polini^a, Italo Frizo^{a*}, Anelvira de Oliveira Florentino^a, Selma Eva Silveiro^a.

^a Faculdade de Ensino Superior Santa Bárbara - FAESB . R. Onze de Agosto, 2900 - Jardim Lucila, Tatuí - SP, 18277-000.

***Autor correspondente:** Italo Frizo, Mestre em Ciências Farmacêuticas, r Bela Vista nº 428 – Bela Vista, Tietê - SP, 18530-000; italofri@hotmail.com

Data de submissão: 14-06-2022
Data de aceite: 22-09-2022
Data de publicação: 13-10-2022



10.51161/editoraime/105/87



RESUMO

Introdução: Dentre as medidas possíveis para o enfrentamento da COVID-19, a primeira delas é o distanciamento social. Outra medida a ser utilizada é o isolamento social. Neste contexto, o isolamento social imposto pela pandemia repercute de forma direta e grandiosa nos fatores comportamentais e socioeconômicos, causando grande abalo na saúde mental da população. Nessa perspectiva, em conjunto com a pandemia da COVID-19, tem-se a implantação de um estado de pânico social, em nível global. **Método:** foi realizada uma pesquisa exploratória e descritiva, de metodologia qualitativa, através de artigos científicos nas bases de dados da SciELO e Google Scholar, documentos publicados pela Organização Mundial de Saúde e Secretarias Estaduais de Saúde, disponíveis nas plataformas digitais de cada órgão. A busca dos referenciais deu-se entre janeiro de 2020 a julho de 2021. **Resultados:** A enfermagem, enquanto assistência e cuidado ao paciente, tem como papel fundamental a promoção, prevenção e controle de doenças perante a sociedade. O **futuro pós-pandêmico é hoje a maior incerteza, pois não se pode dizer ao certo o que se tornará o “novo normal”**. **Conclusão:** A propagação do vírus SARS-CoV-2 demonstrou a fragilidade dos indivíduos, independentemente de nacionalidade. As consequências do período pandêmico são nítidas no sentido de antever-se um aumento nos casos de transtornos comportamentais e de ansiedade, e um conseqüente aumento na busca por profissionais ligados à saúde mental. Além da necessidade de manutenção dos tratamentos de doenças crônicas pré-existentes e o estabelecimento pelo indivíduo de um programa constante de atividades físicas.

Palavras-chave: COVID-19, Enfermagem, Saúde Mental, Novo Normal.

1 INTRODUÇÃO

Em Dezembro de 2019, em Wuhan na China, especificamente na região do Mercado Atacadista de Frutos do Mar de Wuhan, verificou-se, em pessoas que habitualmente circulavam pela região, um surto de pneumonia, situação está que foi definida como uma epidemia (PEREIRA et al., 2020). Tal doença é uma infecção respiratória provocada pelo *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2* (SARS-CoV-2), novo coronavírus, e ficou conhecida como COVID-19, a *Coronavirus Disease 2019* (BRASIL, 2020).

Em março de 2020, tendo em vista a propagação mundial da doença, a Organização Mundial de Saúde (OMS) classificou a COVID-19 como uma pandemia. Sendo que o primeiro caso na América Latina foi registrado no Brasil em 25 de fevereiro de 2020, de acordo com os dados fornecidos pelo Ministério da Saúde do Brasil (SCHMIDT; CREPALDI; BOLZE; NEIVA-SILVA; DEMENECH, 2020).

Após o advento do primeiro caso envolvendo o vírus no Brasil, os governos federal, estadual e municipal trabalharam dia após dia na tentativa de frear a proliferação, incorporando a realidade do país os métodos de distanciamento e/ou isolamento social (SCHMIDT; CREPALDI; BOLZE; NEIVA-SILVA; DEMENECH, 2020).

Dentre as medidas possíveis para o enfrentamento da COVID-19, a primeira delas é o distanciamento social, que consiste em evitar aglomerações de pessoas, mantendo-se para tanto um metro e meio, ao menos, de distância, entre elas. Nesse contexto, frise-se o impedimento de realização de eventos que ocasionem aglomeração de indivíduos, dentre os quais podemos citar os *shows*, *shoppings*, academias esportivas, dentre outros, a pedido do Ministério da Saúde e órgãos governamentais locais (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

Outra medida a ser utilizada para combate ao coronavírus é o isolamento social, empregado em casos extremos quando as pessoas não podem sair de suas casas como forma de impedir a propagação do vírus. Ainda há a recomendação de que indivíduos suspeitos de portarem o vírus fiquem em quarentena pelo prazo de quatorze dias, posto que este é o período de incubação do SARS-CoV-2, ou ainda, o período para o vírus revelar-se no organismo do indivíduo (PEREIRA et al., 2020).

Há que se salientar ainda, que, neste panorama da pandemia de Covid-19, em virtude do rápido avanço da doença e do excesso de informações disponíveis, tem-se um ambiente propício para alterações comportamentais impulsionadoras de adoecimento psicológico, e que podem ocasionar graves implicações na saúde mental do indivíduo (PEREIRA et al., 2020). Neste contexto, o isolamento social imposto pela pandemia da COVID-19 repercute de forma direta e grandiosa nos fatores comportamentais e socioeconômicos, causando grande abalo na saúde mental da população (SCHMIDT; CREPALDI; BOLZE; NEIVA-SILVA; DEMENECH, 2020).

De acordo com a OMS, “[...] tem-se saúde mental como um estado de bem-estar

no qual um indivíduo realiza suas próprias habilidades, pode lidar com o estresse normal da vida, trabalhar produtivamente e é capaz de contribuir com sua comunidade.” Assim, a saúde mental é essencial para a manutenção da habilidade coletiva e individual. Portanto, o número de pessoas afetadas psicologicamente poderá ser maior do que o número de pessoas infectadas pela COVID-19.

Nessa perspectiva, em conjunto com a pandemia da COVID-19, tem-se a implantação de um estado de pânico social, que se caracteriza por sua universalidade, ou seja, em nível global. Onde a sensação do isolamento social é o estopim para uma série de sentimentos (angústia, insegurança, medo, entre outros) que se estendem por longo período, até mesmo após o controle do vírus (PEREIRA et al., 2020).

Dessa forma, o aumento gradativo dos casos positivos em meio a sociedade brasileira, somado a sensação de medo, angústia, irritabilidade, insônia e estresse cada dia mais em alta, vislumbra-se a existência de intercorrências causadoras de ansiedade e depressão, valendo ressaltar que esses sentimentos tendem a permanecer como “sequelas” após o controle da doença, dificultando o convívio coletivo novamente.

De um modo geral, este trabalho propõe-se em analisar a relevância da pandemia pela COVID-19 no agravamento de doenças mentais e transtornos psicológicos. E de uma forma mais específica, refletir sobre os efeitos produzidos nos indivíduos uma vez expostos aos necessários distanciamento e isolamento sociais. Também demonstrar as consequências da pandemia na sociedade e o estabelecimento de um “novo normal”. Destacar a atuação do enfermeiro na elaboração de diagnósticos de enfermagem em casos de infecção pela COVID-19. Além de descrever o surgimento do SARS-CoV-2, sua propagação no mundo, e os métodos de combate e prevenção à sua propagação.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão bibliográfica, de caráter narrativo, descritivo e crítico-reflexivo, a fim de responder à questão norteadora: “Qual a relevância da pandemia pela COVID-19 no agravamento de doenças mentais e transtornos psicológicos?”.

Para a busca dos estudos, realizada em julho de 2021, foram estabelecidos os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “Covid-19”, “Distanciamento Social”, “Isolamento Social” e “Saúde Mental”; com o auxílio do operador booleano “AND”. Como fonte de dados, estabeleceu-se o *Google Scholar* e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), além de documentos oficiais da Organização Mundial da Saúde e Secretarias Estaduais de Saúde.

Em relação aos critérios de elegibilidade, os critérios de inclusão foram: artigos científicos publicados entre janeiro de 2020 e julho de 2021, na língua portuguesa, disponíveis de forma completa e gratuita. Como critérios de exclusão: estudos em formato de monografia, dissertação, tese e resenha crítica, além de estudos duplicados nas bases de dados selecionadas. Dado recorte temporal foi estabelecido o ano de 2020 por conta do início da pandemia até o agosto de 2022.

No processo de seleção dos estudos, após a filtragem pelos critérios de elegibilidade, foram selecionados 87 estudos para leitura do título, em seguida, 38 foram analisados de acordo com o resumo, até se chegar ao resultado de 17 estudos para a síntese e discussão da presente revisão.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram selecionados 17 materiais científicos para a elaboração desta revisão, cuja qual, para melhor compreensão e análise crítico-reflexiva, seguirá a partir de categorizações temáticas, tais quais: O agravamento da saúde mental e situações comportamentais em virtude da COVID-19, Os principais grupos vulneráveis e a atuação da enfermagem em tempos de pandemia da COVID-19; e A incerteza do “novo normal”.

3.1 O agravamento da saúde mental e situações comportamentais em virtude da COVID-19

Situações, como as que estão sendo vivenciadas na atualidade, interferem diretamente na vida de todos os indivíduos. As relações sociais são drasticamente alteradas, os sentimentos de medo e de incerteza com o futuro somados à mudança de ritmo e ao isolamento social podem dar origem a transtornos como a depressão e a ansiedade (CASTILLO; RECONDO; ASBAHR; MANFRO, 2000).

De modo geral, o saldo de uma situação epidemiológica, como a do novo coronavírus, haja vista outras ocasiões em que a sociedade enfrentou epidemias, são indivíduos portadores de doenças mentais severas, posto que interferem de maneira direta no bem-estar mental. Nesse contexto, há que se esclarecer que os sintomas psicológicos se encontram diretamente relacionados com três situações oriundas da pandemia (SANTANA; NASCIMENTO; LIMA; NUNES, 2020).

A primeira se caracteriza por uma mudança radical no estilo de vida, o medo de ser contaminado, e a necessidade do distanciamento do contato físico. Tal circunstância súbita e inesperada pode dar causa a desequilíbrios neurofisiológicos, que em caso de persistência e prolongamento podem desencadear um transtorno mental mais grave (MAIA; DIAS, 2020).

A segunda situação se caracteriza com o confinamento compulsório e uma forçada variação de rotina. Com constantes manifestações de desamparo, tédio e raiva pela perda da liberdade, os indivíduos passam por uma reação de ajustamento situacional, assinalado por angústia, irritabilidade e insatisfação com a nova realidade. Podendo inclusive afetar a funcionalidade do indivíduo (DALDEGAN; SOARES; FARIAS, 2021).

A terceira situação se caracteriza através das possíveis perdas econômicas, em razão do confinamento a que se encontram submetidas, e afetivas, posto que as pessoas em alguns casos poderão passar por uma experiência traumática, que envolve intubação e tratamento intensivo, chegando a uma experiência próxima da morte, e ainda tendo que conviver com possíveis sequelas - depressão, risco de suicídio, estresse pós-traumático

(MAIA; DIAS, 2020).

Quando comparados resultados obtidos pela pesquisa observa-se que os autores de modo como estudos de Maia e Dias (2020) e Castillo e colaboradores (2000), em geral, nas novas publicações mostram que pessoas, em situações de distanciamento e isolamento, apresentam as mesmas situações de mal-estar que são comuns, como: sensação de impotência, tédio, solidão, irritabilidade, tristeza e medos diversos (de adoecer, morrer, perder os meios de subsistência, transmitir o vírus), podendo alterar situações fisiológicas como redução de apetite, conturbações no sono, a desavenças familiares e o aumento no consumo de álcool ou drogas ilícitas (DAL'BOSCO *et al.*, 2020). Pessoas senis, de uma forma feral apresentam um aumento declínio cognitivo ou demências, são identificados como particularmente vulneráveis a alterações emocionais e comportamentais como mostra o Centro de Estudos e Pesquisas em Emergências e Desastres em Saúde (2020).

O combate a esses sintomas psicológicos encontra acolhida na manutenção de uma conexão interpessoal, mesmo que distantes fisicamente. Os meios de comunicação, em especial os celulares e a Internet, colaboram com a missão de tornar o isolamento tolerável e de construir uma nova rotina, através de atividades lúdicas e criativas (HERMOGENES; SANTOS; NASCIMENTO; TEIXEIRA, 2020).

3.2 Os principais grupos vulneráveis e a atuação da enfermagem em tempos de pandemia da COVID-19

Entre os pacientes que se infectaram por COVID-19, em sua maioria estão aqueles que apresentam idade avançada e comorbidades como diabetes, doenças pulmonares, doenças renais, doenças cardiovasculares, câncer e imunossupressão. Os pacientes idosos que já são portadores de comorbidades representam a maior parte de internações em UTIs e mortes por COVID-19 (COSTA *et al.*, 2020).

Diante dos achados de Costa e colaboradores (2020), os idosos são os mais frequentemente internados pelo novo coronavírus, quando comparados a crianças e adolescentes de qualquer faixa etária são susceptíveis à infecção pelo SARS-CoV-2. Apresentados pelos estudos de Dong et al. (2020) e Wang et al. (2020) relataram uma mediana de 7 anos na população estudada com uma distribuição bem uniforme entre as faixas etárias.

Em pesquisas realizadas pelo Ministério da Saúde, observa-se que existe um alto grau de transmissibilidade da COVID-19 e pequena taxa de casos em recém-nascidos, crianças e adolescentes com a doença, o que acaba chamando a atenção, uma vez que essa faixa etária está propícia a infecções respiratórias virais o que confronta estudos de outros pesquisadores (BRASIL, 2020).

Dado o contexto epidemiológico apresentado, verifica-se que a enfermagem possui um papel primordial nesta pandemia. A enfermagem, enquanto assistência e cuidado ao paciente, tem como papel fundamental a promoção, prevenção e controle de doenças

perante a sociedade; além da restauração da saúde física, mental e social deste. O profissional enfermeiro, para conseguir desenvolver suas práticas e estratégias, necessita da chamada sistematização da assistência em enfermagem (SAE). Essa sistematização é desenvolvida através de cinco etapas, onde são: histórico de enfermagem; diagnósticos de enfermagem; plano assistencial; prescrição de enfermagem e evolução de enfermagem. A utilização da SAE é imprescindível, uma vez que garante uma assistência segura e de qualidade ao paciente, além do embasamento técnico-científico (COSTA *et al.*, 2020).

Na SAE, é privativo do enfermeiro estabelecer o diagnóstico de enfermagem através das respostas da pessoa, família ou coletividade e a prescrição das ações ou intervenções de enfermagem a serem realizadas neste processo. Para que se ocorra uma SAE de qualidade, se faz necessário a criação de uma linguagem própria onde denomina-se com taxonomias para o registro de enfermagem (SILVA; MACEDO; OLIVEIRA; SANDIM, 2020).

Relacionando o papel do enfermeiro, juntamente com os sintomas que o paciente pode apresentar devido à infecção por COVID-19, pode-se listar 18 diagnósticos de enfermagem, sendo eles: Hipertermia, Diarreia, Isolamento social, Ansiedade relacionada à morte, Contaminação, Enfrentamento ineficaz, Envolvimento em atividades de recreação diminuído, Risco de desequilíbrio eletrolítico, Troca de gases prejudicada, Fadiga, Mobilidade física prejudicada, Padrão respiratório ineficaz, Proteção ineficaz, Resposta disfuncional do desmame ventilatório, Risco de choque, Risco de infecção, Risco de contaminação, Ventilação espontânea prejudicada (COSTA *et al.*, 2020).

A SAE é necessária em todos os âmbitos e meios da saúde pública e privada, ou seja, desde o atendimento nas unidades básicas até as internações em hospitais particulares.

3.3 A incerteza do “novo normal”

O futuro pós-pandêmico é hoje a maior incerteza com que a população mundial tem convivido. Não se pode dizer ao certo o que se tornará o “novo normal”, posto que ao menos conhece-se o novo coronavírus por completo. Dentre as possíveis medidas que foram apresentadas por um período, pode-se mencionar os beijos, abraços e apertos de mãos ao cumprimentar outros indivíduos (BRASIL, 2020).

Outra situação que se encontrou e, ainda se encontra em alguns locais e países, é um hábito bastante simples, o de usar máscaras. Foi forçoso o seu uso buscando-se uma possível proteção contra a COVID-19, sendo essa “nova normalidade”. No tocante às relações negociais e ao exercício profissional, adaptou-se ao “home office”, uma estratégia funcional encontrada por diversos profissionais para manter seus negócios em funcionamento; que, mesmo após a queda de casos, tornou-se um novo normal, reduzindo as despesas dos escritórios convencionais (BRASIL, 2020).

Neste sentido é consensual a ideia de que um imunizante eficaz significa o único meio de diminuir efetivamente o número de casos e, por conseguinte, acabar com a pandemia. Dessa forma, não é exagerado mencionar que se constatou-se uma grande corrida contra o tempo, onde

laboratórios, centros de pesquisa e governos do todo o planeta trabalhou ininterruptamente para desenvolver uma solução capaz de resguardar a população contra o SARS-CoV-2 (BRASIL, 2020; AMORIM; GUIMARÃES; ALMEIDA; VANDERLON; ABDALA, 2020; TEMPORÃO, 2021).

O advento da vacina contra a COVID-19, tema central em diversas discussões nos últimos meses, foi um grande suspiro para a sociedade mundial, tendo em vista que o novo coronavírus não desapareça, apenas aprenderemos a conviver com ele, assim como com outros vírus, o que é o caso do vírus da influenza H1N1 (TEMPORÃO, 2021).

E, agora com a vacina no braço, tem-se um “novo normal” batendo à porta da realidade contemporânea, seja no que diz respeito às novas normas de etiqueta ou ainda às normas sanitárias comportamentais, com maior liberdade aos vacinados (BRASIL, 2020; AMORIM; GUIMARÃES; ALMEIDA; VANDERLON; ABDALA, 2020; TEMPORÃO, 2021).

Sem dúvidas, o que gera maior medo e ansiedade é a possibilidade de novos distanciamentos, isolamentos, quarentenas, de novas ondas, pois, somos humanos, e humanos necessitam de relações interpessoais, sendo a questão social é um dos pilares dos aspectos biopsicossociais que impactam na saúde física e mental do indivíduo. Por mais que estejamos na era da tecnologia, com aproximação através de telas, nada substitui a presença, o abraço, o estar perto (FERREIRA *et al.*, 2013).

Em linhas gerais, pode-se dizer que a possibilidade de mudar é uma realidade, sendo para tanto necessária uma adaptação ao “novo normal”, adotando para o dia a dia aquilo que se tem como benéfico de alguma forma. Para que não tenhamos mais ondas ou casos de quarentena, é necessário que a adesão à vacina, com suas devidas doses e reforços anuais, seja efetiva e ampla. Caso contrário, seremos condenados a mais um período de incertezas, readaptações, lutos e distanciamentos.

4 CONCLUSÃO

A propagação do vírus SARS-CoV-2 em todo o mundo demonstrou a fragilidade dos indivíduos, independentemente de nacionalidade. Milhões de pessoas foram infectadas e milhares foram os óbitos decorrentes da doença que ficou conhecida como COVID-19. E fora a contagem estatística oficial, muitas pessoas adoeceram de sofrimento psíquico e problemas psicológicos. O lidar com o desconhecido, com a falta de esperança, com a falta de controle, com perdas, com adoecimentos, com a limitação de cada passo, todas estas circunstâncias geram ao indivíduo medos, crises de ansiedade, sofrimento, desesperança, os quais levam a danos à saúde mental.

Os cuidados humanizados por parte da equipe da enfermagem tornam-se imprescindíveis na recuperação e redução dos danos psicológicos causados pela pandemia nos pacientes internados em isolamento, como também aqueles que estão voltando das intubações para reabilitação ao convívio social e familiar.

Diante do novo quadro apresentado pela pandemia, observa-se, pelos estudos

avaliados no presente trabalho, que o isolamento social e o afastamento das pessoas de suas atividades cotidianas interferem de forma negativa piorando quadros de problemas sociocultural e de interação social na população e tem seu agravo aumentado em pacientes pós internação.

Conclui-se que a pandemia de COVID-19 influenciou no agravamento de casos já existentes de transtornos psicológicos e mentais, assim como grande parte dos indivíduos que não possuía qualquer transtorno de ansiedade ou sofrimento psíquico desenvolveu. Enfatiza-se que não apenas os acometidos pela doença em si que tiveram problemas com sua saúde mental, mas a sociedade como um todo. É importante frisar a necessidade da busca de informações confiáveis sobre a pandemia e o desenvolvimento da moléstia, permitindo-se assim a tomada de decisões conscientes e a adoção de medidas comportamentais para proteção individual e coletiva. Ressalta-se que o presente estudo foi pensado, elaborado e consolidado dentro de uma realidade pandêmica, razão pela qual muitos foram os desafios encontrados para uma análise descritiva dos dados, sendo esta uma limitação do estudo.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, V. C.; GUIMARÃES, T. M. M.; ALMEIDA, J. A. T.; VANDERLON, Y.; ABDALA, M. Promoção de isolamento social na pandemia de covid-19: considerações da análise comportamental da cultura. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, v. 16, n. 1, jun. 2020. Disponível em: <https://periódicos.ufpa.br/index.php/rebac/article/view/8886>. Acesso em: 15 jun. 2020.
- BEZERRA, A. C. V.; SILVA, C. E. M.; SOARES, F. R. G.; SILVA, J. A. M. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. **Ciência, saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. suppl 1, p. 2411-2421, Jun. 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020006702411&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 jun. 2020.
- BRASIL. Coronavírus – COVID-19. **Dados Covid-10 no Brasil**. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2020.
- CASTILLO, A. R. G. L.; RECONDO, R.; ASBAHR, F. R.; MANFRO G. G. Transtornos de ansiedade. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 22, p. 20-23, dez. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000600006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 nov. 2020.
- CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EMERGÊNCIAS E DESASTRES EM SAÚDE. Saúde mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19: Recomendações gerais. Brasília (DF): Fiocruz, 2020.
- COSTA, I. B. S. S.; BITTAR, C. S.; RIZK, S. I.; ARAÚJO FILHO, A. E.; SANTOS K. A. Q.; MACHADO, T. I. V., et al. O coração e a COVID-19: o que o cardiologista precisa saber. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, São Paulo, v. 114, n. 5, p. 805-816, mai. 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0066-782X2020000600805&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 nov. 2020.

DAL'BOSCO, E. B.; FLORIANO, L. S. M.; SKUPIEN, S. V.; ARCARO, G.; MARTINS, A. R.; ANSELMO, A. C. C. A saúde mental da enfermagem no enfrentamento da COVID-19 em um hospital universitário regional. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 73, n. suppl.2, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672020001400153&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 ago. 2020.

DALDEGAN, N.; SOARES, R. A. S.; FARIAS, J. M. Ansiedade e depressão no contexto da pandemia: demanda de atendimento do centro de práticas psicológicas da UF Rondonópolis. **Revista Extensão & Sociedade**, v. 12, p. 262-281, 2021.

DONG, Y.; MO, X.; HU, Y.; QI, X.; JIANG, F.; JIANG, Z.; TONG, S. Epidemiology of COVID-19 among children in china. **Pediatrics**, v. 145, n. 6, 2020. Disponível em: [doi:10.1542/peds.2020-0702](https://doi.org/10.1542/peds.2020-0702). Acesso em: 4 ago. 2020.

FERREIRA, D.; SANTOS, A. J.; RIBEIRO, O.; FREITAS, M.; CORREIA, J. V.; RUBIN, K. Isolamento social e sentimento de solidão em jovens adolescentes. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 31, n. 2, p. 117-127, jun. 2013. Disponível em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312013000200001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 jun. 2020.

HERMOGENES, L. R.; SANTOS, M.; NASCIMENTO, P. F.; TEIXEIRA, L. F. A importância das digital skills em tempos de crise: alguns aplicativos utilizados durante o isolamento social devido à pandemia do covid-19. **Revista Augustus**, v. 25, n. 51, 2020. Disponível em: <https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/540> Acesso em: 02 set. 2022.

MAIA, B. R.; DIAS, P. C. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. **Estudos de psicologia. (Campinas)**, Campinas, v. 37, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100504&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 jun. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Recomendação n.º 036, de 11 de maio de 2020**. Recomenda a implementação de medidas de distanciamento social mais restritivo (lockdown), nos municípios com ocorrência acelerada de novos casos de COVID-19 e com taxa de ocupação dos serviços atingido níveis críticos. Brasília (DF): Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1163-recomendac-a-o-n-036-de-11-de-maio-de-2020>. Acesso em: 17 ago. 2022.

PEREIRA, M. D.; OLIVEIRA, L. C.; COSTA, C. F. T.; BEZERRA, C. M. O.; PEREIRA, M. D.; SANTOS, C. K. A.; DANTAS, E. H. M. A pandemia de COVID-19, isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 9, n. 7, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4548>. Acesso em: 10 jun. 2020.

SANTANA; V. V. R. S.; NASCIMENTO, R. Z.; LIMA, A. A.; NUNES, I. C. M. Alterações psicológicas durante o isolamento social na pandemia decovid-19: revisão integrativa. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, v. 2, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4979/497965721011/497965721011.pdf>. Acesso em: 02 set. 2022.

SCHMIDT, B.; CREPALDI, M. A.; BOLZE, S. D. A.; NEIVA-SILVA, L.; DEMENECH, L. M. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estudos de psicologia. (Campinas)**, Campinas, n. 37, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100501&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 jun. 2020.

SILVA, M. C.; MACEDO, J. S.; OLIVEIRA, L. P. de; SANDIM, L. S. A implementação da sistematização da assistência de enfermagem no ambiente hospitalar. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 6, p. 33293–33306, 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n6-039. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/10989>. Acesso em: 02 set. 2022.

TEMPORÃO, J. G. DEPOIMENTO: As pandemias de H1N1 (2009) e de Covid-19 (2020) no Brasil: uma visão comparativa. **Cadernos de História da Ciência**, São Paulo, 2021. Disponível em: www.periodicos.saude.sp.gov.br. Acesso em: 30 ago. 2022.

WANG, Y.; ZHU, F.; WANG, C.; WU, J.; LIU, J.; CHEN, X.; XIAO, H.; ZHISHENG, L.; WU, Z.; LU, X.; MA, J.; ZENG, Y.; PENG, H.; SUN, D. Children hospitalized with Severe COVID-19 in Wuhan. **Pediatr Infect Dis J**, v. 39, n. 7, p. 91–94, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32384397/>. Acesso em: 4 ago. 2020.